Tópicos de Apresentação do Livro "O Triunfo dos Empreendedores"

Loja da FNAC - COLOMBO

1. Agradecimentos

   A) Aos responsáveis da FNAC Colombo, aos meus convidados, Dra Isabel Jonet e Professor Doutor Mário Andrea, ao meu Editor, Horácio Piriquito, e a todos os amigos aqui presentes, o meu muito obrigado por todo o apoio e disponibilidade demonstrada.

   B) Uma palavra de especial reconhecimento é devida a todos aqueles que têm levado a cabo a importante missão de implementar a educação empreendedora junto do Sistema Educativo Português, em especial no ensino obrigatório.

   Aos Responsáveis Autárquicos, aos Secretários Executivos das CIMs e suas equipes, Diretores de Agrupamentos de Escolas, Escolas não Agrupadas e Escolas Profissionais, Diretores dos Centros de Formação de Associações de Escolas, Professores e alunos, a todos, o meu profundo obrigado.

2. Reflexões a considerar:

   2.1 -Reconhecimento da Educação para o Empreendedorismo como uma competência chave para todos os aprendentes.

   2.2-Papel dos Professores enquanto catalisadores de conteúdos pedagógicos baseados em metodologias de aprendizagem experiencial, que remetam para um papel ativo, dinâmico e construtivo da Educação.

Em primeiro lugar não posso deixar de manifestar a minha satisfação por estarmos aqui reunidos a debater a importância do espírito de iniciativa e atitude empreendedora enquanto competências chaves necessárias ao desenvolvimento pessoal, à inclusão social, à cidadania ativa e à empregabilidade.

Promover uma reflexão sobre a educação para o empreendedorismo que permita aos nossos jovens beneficiar de experiências empreendedoras práticas nas aprendizagens escolares realizadas e de um currículo empreendedor, transversal a todas as disciplinas é um verdadeiro dever de cidadania a que não nos podemos desobrigar.

Este facto é tanto mais importante quanto se reconhece que o empreendedorismo é uma competência transversal, que pode ser aplicada pelos cidadãos a todas as esferas da sua vida, desde o desenvolvimento pessoal, até a participação ativa na sociedade, à (re) entrada no mercado de trabalho como trabalhador assalariado ou não assalariado e também à criação de empreendimentos quer este sejam de cariz cultural, social ou comercial.

Na essência o que importa é dar o nosso singelo contributo para que a Escola possa ser o "espaço" onde os nossos jovens aprendam a olhar para o Planeta Terra, nosso único Lar, dotados de um pensamento saudável e criativo mas também com as competências e o estado espírito adequado à transformação das ideias criativas em ações empreendedoras, independentemente do seu género, etnia ou estatuto social.

Abrir as mentes, os olhos e os ouvidos, para que possam perceber o que se passa à sua volta, motivando os colegas com quem se relacionam e permitindo identificar perspetivas de futuro para as quais se encontrem capacitados é de facto um desafio que se coloca a todos nós quer seja na qualidade de Pais, Professores, Diretores ou de cidadãos de um País que têm obrigatoriamente de se preocupar com o futuro dos seus jovens.

Saber trabalhar em conjunto na resolução de problemas, dividir tarefas, ouvir e partilhar ideias e sinergias entre as pessoas de um grupo para propor soluções inovadoras e mais eficientes, são competências essenciais que, inclusivamente vão passar, a integrar os estudos de avaliação do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) implementados pela OCDE. Ou seja à avaliação dos conhecimentos individuais relacionados com a matemática, ciências e literacia na língua materna junta-se agora a necessidade de avaliar as competências colaborativas dos nossos jovens.

Estas competências, não sendo novas, assumem no dealbar deste século uma importância central, enquanto elemento chave de cada uma das seis áreas

específicas de ensino e aprendizagem que têm vindo a suportar o projeto Ambientes Educativos Inovadores, promovido em boa hora pela Direção Geral da Educação, e que passam por apoiar os alunos no seu processo de:

CRIAÇÃO; INTERAÇÃO; APRESENTAÇÃO; INVESTIGAÇÃO; PARTILHA E DESENVOLVIMENTO.

Não quero contudo com este reconhecimento, da Educação para o Empreendedorismo, retirar qualquer enfase à importância das disciplinas estruturantes, como a Matemática, as Ciências e a Língua Materna. Estas não podem considerar-se um fim em si mesmo pois representam verdadeiras ferramentas para que anualmente cerca de 40.000 jovens portugueses possam entrar na Universidade nas áreas de Engenharia, Medicina ou Economia.

Não poderia deixar, igualmente, de salientar que – com a particularidade de recentemente ter estado em discussão pública um documento sobre o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória - em 2017 passam 10 anos que o Ministério da Educação publicou um Edital que apresentava o Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo.

Recordo, por isso, um dos princípios do citado Projeto passava por conseguir [e passo a citar] que, "os alunos pudessem ter desenvolvido, no final da escolaridade obrigatória e do ensino secundário, um conjunto multidisciplinar e transversal de competências (conhecimentos, capacidades e atitudes), em torno da organização de experiências enquadradas no currículo (disciplinares e/ou não disciplinares), que envolvam simultaneamente três dimensões: competências-chave para empreender ao longo da vida, competências curriculares, participação e ação cívica na sociedade".

Para que se possa ter uma ideia do impacto desta iniciativa, em termos da disseminação do espirito empreendedor no Sistema Educativo Nacional, importa ter presente que apesar de assistirmos a um conjunto de Agrupamentos de Escolas, Escolas não Agrupadas e Escolas Profissionais onde estes programas têm sido implementados e até desenvolvidos o facto é que menos de 5% dos jovens em idade escolar se encontra envolvido em programas de educação para o empreendedorismo ao longo de cada ano letivo.

Tenho consciência de que muitos de vós se admira com esta realidade e até que muitos possam afirmar que já no seu tempo os objetivos educativos gerais

privilegiavam a autoconfiança, a capacidade de planear e o trabalho em equipe que normalmente são associados à educação para o empreendedorismo.

Só que a “gestão de recursos”, “gestão da “incerteza/risco”, “ papel dos empreendedores na sociedade”, “opções profissionais na área do empreendedorismo”, “avaliação de oportunidades” e a “ética nos negócios” são aspetos muito específicos e por conseguinte muito menos comuns enquanto resultados de aprendizagem a que os nossos jovens se encontram sujeitos no seu percurso escolar.

Apesar do interesse vibrante no desenvolvimento da capacidade empreendedora, continua-se a verificar que, para alguns, o empreendedorismo continua a ser visto, com desconfiança, porque apesar de estar em todo o lado (políticas públicas, discursos de responsáveis de organizações, comunicação social …), o mesmo não contribui para resolver os problemas da economia não sendo mais que um disfarce que serve para iludir a chaga do desemprego.

Esta é, para mim, a visão de uma elite burocrata que despreza tudo quanto seja inovador e moderno, e que infelizmente só produz eco graças a um tal nível de astúcia linguística que ganha força na passividade alheia.

Naturalmente que não me revejo nesta visão, pois acredito no empreendedorismo enquanto condição absolutamente necessária para dinamizar a atividade económica de um país e garantir um crescimento inclusivo, equilibrado e sustentável.

Pela experiência vivida e pela investigação recentemente desenvolvida no âmbito da academia, sou defensor de que a educação para o empreendedorismo é uma via privilegiada na formação das nossas crianças e jovens que se virão a revelar cidadãos ativos, socialmente integrados, participativos e, sobretudo, capazes de decidir o seu próprio futuro.

Relembro, no entanto, que a implementação destes contextos pressupõe, em primeiro lugar, uma prévia capacitação dos nossos educadores, em contexto não formal, que lhes permita identificar as suas próprias fórmulas / modelos, métodos /princípios /circunstâncias para terem sucesso como professores empreendedores e a reconhecer a importância de as partilhar, dentro e fora, do espaço Escola.

Torna-se difícil começar, difícil dar o primeiro passo, mas depois de se assumir um estágio de interiorização é difícil voltar atrás face à motivação que se obtêm ao proporcionar aos nossos alunos um conjunto de ferramentas que lhes permitem estar preparados para resolver problemas, através de pequenos desafios e atividades, que os incentivem a preparar-se para uma sociedade cada vez mais globalizada e globalizante.

Defendo uma evolução ao nível dos modelos pedagógicos, que exigem novas abordagens para uma educação de e para o sucesso, proporcionando a todos os níveis e ciclos de ensino uma abertura à aquisição de novos conhecimentos e ao desenvolvimento de capacidades, atitudes e comportamentos promotores do espírito empreendedor em particular (i) criatividade/ inovação; (ii) trabalho em grupo; (iii) resiliência/assunção de riscos e (iv) autoavaliação.

Deixo, por isso, um apelo aos Professores aqui presentes e a todos aqueles que virão a ter acesso ao conteúdo deste Livro, para que não deixem de partilhar as suas experiencias e reflexões, não só com os colegas, mas também com a comunidade, família, amigos, redes sociais e outros círculos que frequentem.

Reforço o efeito multiplicador que pode estar associado a cada professor, derivado da sua capacidade cognitiva que lhe permite manter cerca de 150 relações sociais estáveis, nomeadamente junto dos seus alunos, no contexto sala de aula, ou fora dela no espaço Escola, comunidade social e /ou família, ou outro círculo que o mesmo frequente e cujos contactos são mais fortes.

Acredito que se o fizerem, e eu alimento o sonho de que o conteúdo deste livro, em forma de Cartas, pode contribuir para a sua mobilização, a classe de professores dará um impulso muito forte para que os nossos alunos e consequentemente a nossa sociedade possam ser mais prósperos, justos e solidários.

E porquê? Porque passarão a estar preparados a projetar o seu próprio caminho, a enfrentar obstáculos, a aceitar desafios, ou seja a construírem o seu futuro dependendo mais de si próprios do que de vontades alheias.

A todos, muito obrigado pela vossa presença.

Francisco Banha, Lisboa, 12 de julho de 2017

fbanha@gesbanha.com